

IDENTIDADE E INVISIBILIDADE MIDIÁTICA DE JOVENS CAMPONESES

IDENTITY AND MEDIA INVISIBILITY OF YOUNG PEASANTS

IDENTIDAD E INVISIBILIDAD DE MEDIOS DE LOS JÓVENES

Rosane da Silva Nunes

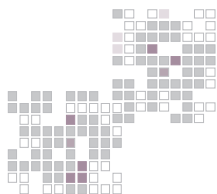
■ Docente da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Seus trabalhos mais importantes são: *A contribuição do rádio para educação e inclusão de pessoas com deficiência visual* (2017). *A abordagem da comunicação nos cursos de residência agrária* (2017).

■ E-mail: rosane.nunes@ufca.edu.br

Maria das Graças Pinto Coelho

■ Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutora em Educação pela UFRN. Seus trabalhos mais importantes são: *Infância capitalizada nos processos comunicacionais em rede: Estudo exploratório sobre o consumo midiático de crianças entre 10 e 12 anos* (2020). *Crise política e conflitos discursivos em redes sociodigitais: emoções, cultura e identidade no Brasil contemporâneo* (2019)

■ E-mail: gpcoelho8@gmail.com



RESUMO

Este trabalho apresenta conexões entre mídia e identidade camponesa no contexto de uma Escola Família Agrícola (EFA), em Independência, Ceará. Busca compreender como se percebem os educandos que, ao mesmo tempo em que reivindicam nova concepção de camponeses, afirmam tradições do campo, refutando a maneira que os meios de comunicação os representam. Utiliza-se metodologia fenomenológica com abordagem etnográfica. Os resultados apontam para formação identitária descentrada, um jovem que defende princípios camponeses, mas passa por uma formação multicultural promovida pelo processo de globalização calcado nas plataformas multimidiáticas.

PALAVRAS-CHAVE: IDENTIDADE; MÍDIA; CAMPESINATO; JUVENTUDE CAMPONESA.

ABSTRACT

This work presents connections between media and peasant identity in the context of a Escola Família Agrícola (EFA), in Independência, Ceará. It seeks to understand how the students perceive themselves, who, while claiming a new conception of peasants, affirm countryside traditions, refuting the way that the media represent them. Phenomenological methodology with an ethnographic approach is used. The results point to a decentralized identity formation, a young man who defends peasant principles, but goes through a multicultural formation promoted by the globalization process based on multimedia platforms.

KEYWORDS: IDENTITY; MEDIA; PEASANTRY; PEASANT YOUTH.

RESUMEN

Este trabajo presenta conexiones entre los medios y la identidad campesina en el contexto de una Escola Família Agrícola (EFA), en Independência, Ceará. Busca comprender cómo se perciben los estudiantes, quienes, mientras reclaman una nueva concepción de los campesinos, afirman las tradiciones del campo, refutando la forma en que los medios los representan. Se utiliza metodología fenomenológica con enfoque etnográfico. Los resultados apuntan a una formación de identidad descentralizada, un joven que defiende los principios campesinos, pero que pasa por una formación multicultural promovida por el proceso de globalización basado en plataformas multimedia

PALABRAS CLAVE: IDENTIDAD; MEDIOS DE COMUNICACIÓN; CAMPESINADO; JUVENTUD CAMPESINA



1. Introdução

O ponto central deste trabalho é a relação entre a autopercepção de educandos de uma escola agrícola e a imagem que deles é exposta na mídia. Conjugando a noção de juventudes com o arcabouço conceitual de identidade campesina no mundo midiático¹, busca-se identificar a noção de campesinato desses jovens frente à sua autopercepção; de que forma eles se veem na mídia e a que atribuem as motivações dos meios de comunicação para essa projeção imagética.

As discussões aqui apresentadas são decorrentes de pesquisa realizada no período de agosto de 2017 a maio de 2019, tendo como *locus* a Escola Família Agrícola Dom Fragoso, localizada no município de Independência, Ceará, Brasil. A escola segue a pedagogia da alternância, modelo de educação do campo surgido na França, em meados do século passado, e atualmente presente nos continentes europeu, sul-americano e africano. O *corpus* foi composto a partir de imersões na escola, numa perspectiva etnográfica de viés multitécnico. O exercício metodológico foi construído na observação direta e participante, diário de campo, entrevistas em profundidade, questionários e técnicas interventivas - oficinas ministradas aos jovens. Foram feitas cinco imersões na escola, resultando em 31 dias de convívio diuturno, equivalente a 5.400 horas de pesquisa. Nas entrevistas, foram abordados 20 do total de 54 estudantes matriculados na escola e os questionários alcançaram a totalidade destes.

Aqui são compartilhados alguns traços observados no que concerne à compreensão da formação identitária de jovens imersos na era das sociabilidades midiáticas, mas perpassados por um modelo de educação do campo. Ao indagar qual o sentido de campesinato presente nesse

jovem, considerando o intermédio das plataformas midiáticas e da Pedagogia da Alternância na construção de sua autoidentidade, procura-se saber o que pensa esse estudante sobre cultivar a cultura camponesa em tempos em que a mídia é dos mais fortes mediadores de sentidos nas sociedades contemporâneas.

2. Ser e não ser: ambivalências e ambiguidades na juventude do campo

Uma pesquisa que conjugue juventude camponesa e mídia, estando os jovens pesquisados em um contexto da Pedagogia da Alternância², necessita considerar a capacidade de resistência inerente às juventudes e à cultura campesina difundida nas escolas do campo, pois tal contexto marca a formação de identidade. Ser jovem na zona rural é viver em um duplo enquadramento: “[...] por um lado, a associação do imaginário ao atraso e a identificação dos jovens como roceiros que moram mal. Por outro, no meio rural, muitas vezes são deslegitimados pelos pais por serem urbanos” (CASTRO *apud* SOUZA et al, 2012, p. 104). É necessário frisar que os sujeitos dessa pesquisa não estão isolados, separados, cada um em suas casas ou comunidades, eles não são somente jovens que vivem na zona rural, mas estão interligados por um modelo educacional de matriz crítica. Portanto, a identidade percebida na convivência com os jovens não é estritamente individual, mas perpassada pelo coletivo, pois influenciada pelo *locus* EFA Dom Fragoso, um lugar onde se respira a cultura camponesa em todos os espaços: salas de aula, alojamentos, refeitório e unidades produtivas. Sendo assim, é preciso considerar não apenas as ambivalências pertinentes à construção identitária, mas também as ambi-

¹ Mundo no qual o consumo cultural, a recepção e os usos sociais dos bens simbólicos são produzidos pelos meios de comunicação, através de processos de midiática da sociedade.

² Esse modelo educacional baseia-se em três pilares: 1) Associativismo – garantindo a presença da família na gestão; 2) Desenvolvimento local através da atuação dos jovens nas comunidades e 3) Educação integral que articule diferentes tempos e espaços de formação – escola, família, comunidade.

guidades decorrentes da alteridade, ou seja, atentar para os sentidos inerentes à pertença ao lugar – no caso, a zona rural; mas também para o viés cultural imanente às relações com as diferenças que constroem a identidade dos jovens – no caso, as diferenças entre os semelhantes - surgidas no convívio escolar, já que são todos da zona rural, mas vêm de comunidades diversas - e divergências com os jovens urbanos.

Durante as imersões da pesquisadora na escola, as perguntas que me surgiam acabavam por reforçar o propósito que nos levou até os estudantes: O que torna “iguais” os jovens da EFA frente aos outros e o que os torna diferentes? O que os torna semelhantes entre si e o que os torna únicos? Certamente que variadas podem ser as respostas, a depender do recorte epistemológico escolhido, do arcabouço teórico, do olhar do pesquisador, enfim, é preciso antes definir de qual ângulo desejo desvendar essa questão. No caso, foi dada prioridade ao olhar dos jovens pesquisados, quero saber como eles se percebem, como acham que são vistos pela mídia, quais as diferenças entre eles e os antepassados, diferenças que os tornam “novos” camponeses. Fatores de ordem macrosocial sobre as influências de forças econômicas e políticas nas juventudes rurais, apesar de serem importantes para compreendê-las, não guiam a análise, dado a opção metodológica assentada na microsociologia do saber local. Para responder aos principais questionamentos dessa investigação, foi preciso conhecer mais sobre a relação entre identidade e diferença, pois a diferenciação faz parte do caminho de construção da identidade do sujeito que se forma a partir da percepção tanto “do que se é” como “do que não se é”, ou seja, o conflito com o diferente, o estranho, o outro, é fundamental para a constituição do ser (VELHO, 2008). A necessidade de voltar para a relação com as diferenças surgiu no passo a passo dos percursos etnográficos na escola, onde percebe-se que pode ser na

relação presencial entre os educandos e também na relação destes com outros que estão nos espaços virtuais, que os jovens da EFA vão moldando uma possível nova identidade campesina.

Necessário frisar que ao destacar o papel da alteridade não se acolhe inteiramente a linha sociológica clássica defensora de que a identidade é formada unicamente na interação entre o “eu” e uma sociedade que faz a mediação de valores, sentidos e símbolos. Concorde-se que essa interação influencia a formação da pessoa - tanto que foi destacada a importância de perceber as relações dos jovens com as diferenças dentro da escola e fora dela – no caso, na mídia. Porém, na visão clássica de sociedade, a “identidade costura o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e previsíveis” (HALL, 2015, p. 11). Ocorre que as mudanças estruturais promovidas pela globalização afetam a unidade estável dos sujeitos, tornando provisório e variável o processo de identificação através do qual projetam-se as identidades culturais, “[...] esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo identidade fixa, essencial, permanente”, segundo Hall (2015, p. 11). O descentramento do sujeito conduz a algumas análises de que as sociedades contemporâneas passam por uma crise identitária. Para Woodward (2014, p. 26), o argumento de que existe essa crise é reforçado por um contexto histórico: “enquanto nos anos 70 e 80, a luta política era descrita e teorizada em termos de ideologia e conflito, ela se caracteriza agora, mais provavelmente pela competição e pelo conflito entre diferentes identidades” e tais identidades conflitantes decorrem de mudanças sociais, políticas e econômicas do mundo pós-colonial, pois as estruturas tradicionais de pertencimento estão enfraquecidas.

Numa realidade de múltiplos sistemas de significação e representação produzidos e intercam-

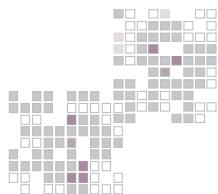


biados principalmente pelas mídias, as pessoas se deparam com toda sorte de identidades possíveis, de maneira que para analisar essa multiplicidade existem duas visões epistemológicas: a perspectiva essencialista e a não essencialista. A primeira considera que há conjuntos cristalinos de características que garantem a autenticidade de uma identidade fixa e imutável. Os essencialistas fundamentam-se principalmente na história – alegando um passado compartilhado como fundamento da essência de um grupo, ou na biologia, pois “o corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem somos” (WOODWARD, 2014, p. 15). Essa corrente de pensamento admite que algumas interações podem alterar a periferia dessa identidade, mas nunca seu núcleo, sua essência. Já a linha não essencialista focaliza não apenas nas características comuns entre membros de um grupo, mas também nas diferenças, numa perspectiva multiculturalista. Importante destacar que nesse caso o mote não é o diverso, mas o múltiplo, pois o primeiro é estático – a diversidade limita-se ao existente, é um dado da natureza ou mesmo da cultura que reafirma o idêntico; já o múltiplo é um movimento, um fluxo produtivo de diferenças que não se confunde com o idêntico (SILVA, 2014), numa concepção pós-estruturalista de identidades descentradas.

Nessa pesquisa, adota-se a perspectiva não essencialista, por dois motivos: primeiro, porque é atenta às mudanças advindas do processo de globalização que afetam representações sociais, na medida em que discute a tensão entre o global e o local na transformação das identidades. Segundo, porque considera que as identidades são construídas nas diferenças e essa premissa é fundamental para compreender as percepções de jovens que se percebem camponeses em uma sociedade na qual a urbanidade é enaltecida e o rural, quando muito, é valorizado pela “tradição”. Compreender que os jovens rurais também pos-

suem múltiplas identidades, que a cultura camponesa constitui um entre vários traços possíveis nas juventudes rurais, é importante para que esses grupos sejam vistos e se estabeleça uma política de identidade que reconheça diferenças, pois esse é o primeiro passo para combater desigualdades (HALL, 2015). Portanto, estudos de identidades são necessários para embasar programas sociais inclusivos. A propósito, Canclini (2009, p. 92) observa que os termos diferenças e desigualdades estão em desuso: “a relativa unificação da globalização dos mercados não se sente perturbada pela existência de diferentes e desiguais: uma prova é o enfraquecimento destes termos”. Isso porque a sociedade atualmente é pensada como rede e não mais em termos de estratos e níveis. Os incluídos são os conectados, os vinculados ao sistema, seja por terem emprego, escola, moradia etc. Os que não possuem tais elos estão desconectados, excluídos. Onde estão os jovens rurais nessa rede? O que é preciso para se sentirem incluídos? Terem um trabalho basta? Afinal, o que é ser camponês na contemporaneidade?

Apesar das diferenças entre o ser jovem na cidade e o ser jovem no campo, advindas das relações com o trabalho e consumo, entre outros aspectos culturais, Sales (2003, p. 138) aponta o esforço da mídia em homogeneizar essas juventudes: “não é tão simples distinguir o jovem urbano do rural; a relevante influência da *mass-media* no mundo rural tenta universalizar condutas, estilos de vestir e de falar, o gosto musical”. A questão é: será preciso distinguir por tais elementos? Identificar diferenças é sobretudo uma necessidade do pesquisador, sempre instigado a classificar, a categorizar, preocupação que inexistente entre os sujeitos. O estudante João Mateus Santos de Sousa, 18 anos, acha natural que na EFA convivam estilos diferentes, inclusive urbanizados: “Eu acho que isso é uma característica das pessoas! Cada uma tem seu estilo. E a gente, por ser camponês, por morar no campo, não vai se diferenciar das pes-



soas que moram na cidade, por exemplo”. Ao ser indagado sobre a existência na EFA de diferentes cortes de cabelo, roupas, gostos musicais, etc., defendeu que cada um se expressa como desejar: “Nós temos a nossa particularidade, então, eu acho que isso é bem normal, que cada um expressa sua identidade, seu jeito de ser”. A afirmação do educando baseia-se em sua experiência com a diversidade que encontra na EFA e no mundo, reforçando a ideia de que identidade e diferenças articulam-se na alteridade. O pensamento de Mateus lembra Giddens (2002, p. 12) para o qual “[...] quanto mais a tradição perde seu domínio, quanto mais a vida diária é reconstituída em termos do jogo dialético entre o local e o global, tanto mais os indivíduos são forçados a escolher um estilo de vida a partir da diversidade de opções”.

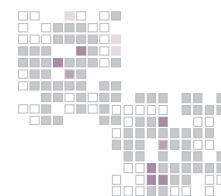
A educadora da EFA, Idelzuith Borges, confirma que “você hoje não consegue diferenciar, se você olhar a questão roupa, cabelo, maquiagem, você não diferencia se essa menina é da cidade ou é do campo, não. E antes era visível!”. Além do aspecto visual, a professora considera que os educandos antigos “eram mais comprometidos, era muito forte a questão de identidade. Apesar de que já existia isso de ter vergonha de dizer que era do campo, mas existia um compromisso maior com a terra”. No entanto, ela pondera: “Eu acho que eles têm condições de fazer mais pelo campo do que a turma que passou. Eles têm mais acesso do que os outros que passaram, em relação a conhecimento, em relação a debate, a tudo!”. A fala da educadora retrata ambiguidades inerentes à juventude camponesa representada pelos atuais estudantes: visualmente não diferem dos jovens urbanos, demonstram menos interesse pelos movimentos sociais institucionalizados do campo, porém, são mais capacitados devido tanto ao melhor aparato estrutural que a escola hoje oferece quanto ao acesso à informação.

Mas, afinal, eles se consideram jovens rurais ou jovens camponeses? Moram no campo apenas,

ou se percebem ideologicamente afinados com a ética camponesa, definida por Marques (2008, p. 59) como a que “apresenta terra, trabalho e família como valores morais e categorias nucleantes intimamente relacionados entre si e tem como princípios organizatórios centrais a honra, a hierarquia e a reciprocidade”? Dos vinte entrevistados, dezoito afirmaram-se camponeses. Nas falas desses jovens, identificam-se dois pontos em comum: a influência da EFA Dom Fragoso na auto-percepção de camponeses - pois foi na escola que a maioria conheceu o conceito e estão “se descobrindo camponeses”, como afirmou Carlos Jaime; e a associação de campesinato ao gosto pelas coisas do campo, o sentimento de pertença à comunidade, a valorização do trabalho em família e dos movimentos sociais. No entanto, o educando Gustavo Vieira de Lima relatou a dificuldade de incentivar os jovens: “os movimentos sociais são integrados nos assentamentos, agora é que a juventude não quer participar. A gente aconselha, a gente chama, mas eles não vão, né? Então, é mais uma opção dos jovens”, avalia. Gustavo conta que a participação social não o interessava também e atribui essa postura ao consumo midiático: “eu não participava de movimentos sociais, nera sabedor de nada, eu era um jovem totalmente alienado por a mídia. Eu não tinha vontade de saber questão de movimentos sociais, eu não era ligado à luta do campo”, relata.

3. Campesinato e invisibilidade midiática na ótica dos jovens

São diversos os fatores externos – escola, família, amigos, comunidade, mídia - que influenciam e delineiam o posicionamento que irá se sobressair no comportamento dos jovens (FISCHER, 2008). Sobre isso Bourdieu (2008) lembra do papel dos meios de comunicação no reforço de representações sociais. No caso do jovem camponês, como se dá essa representação? O que pensam os educandos da EFA acerca da imagem do



jovem da zona rural projetada pela mídia? Para nove dos vinte entrevistados, 45%, prevalece a invisibilidade. A estudante Ana Sabrina Menezes resume: “A mídia? Eu acho que ela nem mostra o jovem agricultor! Eu pouco vejo. Acho que nem vejo... dizer que a mídia mostra pra outro jovem, lá fora, o jovem camponês, a realidade de um jovem camponês, não, acho que não mostra”.

A sensação de inexistência revela o rompimento provocado pela mídia na relação identidade-alteridade destes sujeitos. Ao não se enxergar nos modelos de juventude instituídos pelos maiores formadores de sentido da sociedade contemporânea – os meios de comunicação – o jovem rural vê-se socialmente excluído. Se a “escola, mídia e metrópole constituem os três eixos que suportam, a constituição moderna do jovem como categoria social”, como afirmam Rocha e Silva (2008, p. 126), o que dizer de jovens da zona rural, invisíveis à mídia e estudantes de uma escola cujo modelo pedagógico fortalece valores campesinos? Talvez esse deva ser um debate necessário no âmbito das escolas do campo, pois afeta diretamente os jovens na constituição de si mesmos, já que “a cena massiva tende, hegemonicamente, à construção de representações dicotômicas – a juventude idealizada de um lado, a juventude marginal do outro” (ROCHA; SILVA, 2008, p. 114). Assim, os jovens rurais formados numa escola de alternância que busca fugir dos padrões educacionais de reprodução social (BOURDIEU, 2008) sentem que a cena midiática é um lugar que não lhes pertence e, se esta cena legitimar a existência social, ele se torna um desigual-desconectado (CANCLINI, 2009).

Em segundo lugar aparece a imagem do desvalido, seja pela pobreza, seja por morar em local considerado inóspito, seja pela falta de recursos tecnológicos, enfim, pessoas vulneráveis, merecedoras de compaixão. Essa visão surge forte no imaginário brasileiro e tem raiz na suposta incivilidade atribuída às sociedades primitivas, da qual des-

cende o trabalho da terra (WOORTMAN, 1997, p. 180): “é um discurso que se funda no pressuposto do ‘vazio cultural’ a ser preenchido pelos novos ‘heróis civilizadores’ (...) um discurso que lembra as teorias que percebiam camponeses como obstáculos à mudança”. Essa é a opinião de 30% dos entrevistados. A estudante Clara Araújo percebe que os meios de comunicação apresentam a zona rural nordestina como inviável e apresentam a questão climática, no caso, a seca, como o maior problema e não a ausência de políticas públicas de apoio ao agricultor: “Eles não colocam essa questão de convivência. Os próprios costumes eles também contorcem muito... Não mostram a questão cultural, não mostram os verdadeiros problemas enfrentados pelas pessoas que vivem aqui, que não é essa relação de seca, mas sim de apoio”.

A terceira imagem mais citada foi a do jovem desinformado, apontada por 15% dos entrevistados. Gustavo Vieira diz que “[...] na maioria das vezes eles projetam os jovens camponeses como jovens burros, que não sabem de nada ... e a gente não é isso!”. Ele aponta o acesso à internet como o fio de aproximação entre rural e urbano: “A gente tem acesso à mesma internet, às mesmas tecnologias que eles têm na cidade, então, a gente não é diferente de um jovem da cidade!”. E complementa: “[...] Muitas vezes, a gente tem uma mentalidade melhor do mundo do que eles, né? Então, eu acho que o que é repassado na mídia do que é um jovem camponês não tem nada a ver com o que é na realidade”.

As impressões dos jovens sobre sua invisibilidade ou imagem distorcida na mídia indicam descontentamento com a marginalização imposta pelos meios de comunicação. Indagados sobre o interesse da mídia na exclusão dos jovens camponeses, os entrevistados lançaram quatro hipóteses principais, as quais apresento agora. A primeira delas foi favorecer o agronegócio, apontado por 40% dos entrevistados. Para Jefferson Vieira, “[...] tudo tem uma ligação com o capitalismo, o agronegócio. As grandes multinacionais divul-

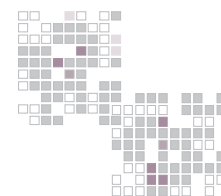


gando também... O que eles (meios) mostram que é bom é o agronegócio, o monocultivo, a utilização de agrotóxicos é o que eles mostram que é bom, que dá dinheiro”. A segunda motivação mais citada foi o interesse em manter os jovens dependentes, opinião de 20% dos educandos consultados. A jovem Bruna Glória Pinheiro de Sousa avalia que “A mídia informa pras pessoas ser presas a ela, ser presas ao capitalismo, principalmente, pra não ter o seu sustento. Porque pra mim ter o meu sustento eu tenho que estar fora de todo esse padrão de étnica, esse padrão de gênero, tudo. Então a mídia, prende muito”. A terceira motivação seria incentivar o êxodo rural, citado por 15% dos entrevistados. Um deles foi Emanuel Kauê, segundo o qual a mídia distorce a imagem do jovem do campo “Pra induzir as pessoas a ir pra capital, assim, a sociedade na cidade vai cada vez aumentar mais, vai dar mais renda pra quem é grande empresário, ou seja, vão ser os escravos modernos”. A quarta hipótese é de preconceito, na opinião também de 15% dos jovens. Para Maria Luiza Soares de Sousa, a visão preconceituosa ocorre “porque (a mídia) mostra só o que acha! Dificilmente chega uma pessoa no campo para ver como é mesmo a vida de um jovem do campo, como é a vida, como é que ele faz... aí fala o que acha, não estuda, não se informa sobre isso”.

Os demais entrevistados apontaram motivos diversos, mas em torno de um mesmo foco: tentar retirar a agricultura familiar do leque de desenvolvimento local. Agrupam-se as opiniões pela lente da similaridade argumentativa, mas as análises estão postas todas de um só lance porque entende-se que, independente de destacar um ou outro aspecto, todos os entrevistados seguem a mesma linha de entendimento: as motivações da mídia no modo de projetar a imagem do jovem rural têm como pano de fundo a relação tripartite meios de comunicação de massa – capitalismo – agronegócio.

Não é foco desse trabalho entrar na discussão que envolve as raízes históricas do campesinato e

as ameaças de extinção anunciadas desde os tempos do marxismo ortodoxo (BARTRA, 2011), mas é necessário apontar pontos-chave que levam os entrevistados a citarem o modelo capitalista como ponto nodal de sua inexistência midiática. Os estudos sobre campesinato evidenciam a oposição deste ao “processo de transformação social que acompanha a implantação no Ocidente do modo de produção capitalista” (GUZMÁN, 2005, p. 17). Tal confronto se dá, prioritariamente, por duas frentes: 1) detenção dos meios de produção e 2) modos coletivos de produção. A primeira frente de batalha fundamenta-se no fato de que “o conceito de propriedade capitalista não tinha sentido para a terra dentro da cultura camponesa. Igualmente, o uso da terra não pertence ao indivíduo, mas à comunidade”, como lembra Guzmán (2005, p. 30). A segunda explica-se pela essência das sociedades tradicionais camponesas cuja “estrutura organizativa e material de sua organização econômica possui formas de ação coletiva de caráter revolucionário ao reter este a energia da natureza popular”, frisa também Guzmán (2005, p. 35). Por isso o fim do campesinato é tão decantado e ao mesmo tempo combatido, trata-se da sobrevivência de uma utopia. Por não se enquadrar na forma de produção do proletariado, os trabalhadores agrários foram esquecidos pelos teóricos marxistas ou mesmo menosprezados em sua capacidade combativa - segundo Ribeiro (2010, P. 87). É certo que, apesar de representar valores contrários ao capitalismo, o camponês continua integrado à complexa rede de relações de exploração do trabalho e da produção, pois, como sintetiza Marques (2008, p. 59), “o modo de vida camponês apresenta simultaneamente uma relação de subordinação e estranhamento com a sociedade capitalista. Se, por um lado, o mercado domina o campesinato, por outro, ele não o organiza”. Lidar com essas contradições é um desafio para os movimentos sociais e escolas do campo. Ainda mais quando



se vive em uma sociedade onde o jornalismo e a publicidade são filhos da Revolução Industrial, onde a mídia de massa é braço forte do capitalismo. Portanto, faz sentido a visão dos jovens da EFA Dom Fragoso sobre os porquês do interesse em sumir com sua existência na cena pública.

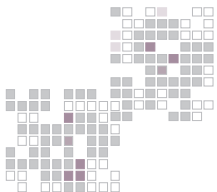
Considerações finais

Foi possível verificar que o estudante da EFA Dom Fragoso acredita e guarda em si os valores camponeses. Esses jovens consideram-se camponeses, entre eles há, de fato, uma autoidentificação com a cultura do campo. Isso quer dizer que o campesinato, enquanto movimento, resiste na região onde atua a escola? Para responder a essa pergunta seria necessária pesquisa nas comunidades onde vivem esses estudantes. Surge, então, um possível desdobramento desse trabalho. Investigar a relação entre a autodeterminação do estudante em se afirmar camponês e a existência de modos de vida coerentes com os princípios do campesinato na comunidade onde reside seria interessante para uma noção do alcance da pedagogia crítica ao que Freire (2007;2016) chama de mudança superestrutural, promovida pela ação cultural da educação. Não sugerimos aqui que os jovens possam não saber quem são, ou que se enganam ao se autoafirmar camponeses. Mas podemos considerar que o camponês é um ser coletivo, não existe isolado, então, o fato do jovem considerar-se um deles por viver de sua produção na terra e participar de reuniões das comunidades talvez não seja indicativo suficiente de um movimento capaz de se contrapor ao processo padronizante de globalização.

Identificamos que a maioria se percebe inexistente para a mídia, enquanto jovens rurais. Os que não apontaram essa invisibilidade discordam das imagens estereotipadas que lhes são atribuídas pelos meios de comunicação de massa. Quando dizem: “eu não sou aquilo que dizem” ou “eu quero existir”, demonstram

que passam por processo de individuação promovido pela alteridade baseada na dinâmica identidade-diferença. Na visão dos estudantes, os principais rótulos construídos na mídia são do “desvalido” e do “desinformado” e as motivações dessa construção estariam ligadas direta ou indiretamente ao sistema tripartite meios de comunicação de massa – capitalismo – agronegócio. Portanto, retornamos ao debate sobre a dicotomia campesinato *versus* globalização econômica/midiática/cultural, entre o modo capitalista e o modo camponês de produção. Foi observado que a tensão entre os ideários do campesinato e do agronegócio, alinhada pelos meios de comunicação, é abordada pelos educadores e também por educandos. O assunto está presente em debates instigados espontaneamente pelos estudantes sobre a influência da mídia nas problemáticas sociais, econômicas e políticas do país, sinalizando que a EFA trabalha a educação para os meios quando problematiza transversalmente os discursos da mídia. No entanto, como alerta Fischer (2002), é impossível negar que as plataformas midiáticas são dispositivos pedagógicos, que atuam como fortes espaços de formação; portanto, considera-se que é importante incluir o tema formalmente, pois assim os educandos poderão compreender em sua realidade a influência da mídia, tornando a educação do campo mais capaz de se posicionar frente ao poder midiático de construir significações, de constituir sujeitos na sociedade contemporânea. Resgata-se Orozco (2005) para defender que a educação para os meios não pode se restringir à leitura crítica dos conteúdos informativos, ela precisa focar nas estratégias de construção de sentidos presentes em outras linguagens que não a jornalística, nos recursos de validação e padronização de comportamentos presentes, principalmente, na teledramaturgia e na publicidade.

Além da educação, há outra frente possível de



se atuar nesse caso: a democratização da mídia. Conclui-se com essa ênfase por considerar a democratização dos meios de comunicação tão importante quanto a reforma agrária, pois se a construção de sentidos, as identidades descentradas, fragmentadas, segmentadas, múltiplas, comple-

REFERÊNCIAS

BARTRA, Armando (Bartra Verges). *Os novos camponeses: leituras a partir do México profundo*. Tradução Maria Angélica Pandolfi. São Paulo: Cultura Acadêmica; Cátedra Unesco de Educação do Campo e Desenvolvimento Rural, 2011.

BOURDIEU, Pierre. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 2ed. Petropolis: Vozes, 2008.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

DOWNING, John D.H. *Mídia radical: Rebeldia nas Comunicações e Movimentos Sociais*. Trad. Silvana Vieira. 2º ed. São Paulo: Editora Senac, 2004.

FISCHER, Rosa Maria Bueno de. *O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, jan/jun. 2002.

_____. Rosa Maria Bueno. *Mídia, Juventude e memória cultural*. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 29, n. 104 - Especial, p. 667-686, out. 2008.

FREIRE, Paulo. *Conscientização*. Trad. Tiago José Risi Leme. São Paulo: Cortez, 2016.

_____. Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 30 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

GIDEENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. tradução, Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GUZMÁN, E. Sevilha. *Sobre a evolução do conceito de campesinato*. Trad. Ênio Guterres e Horácio Martins de Carvalho. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. *A atualidade do uso do conceito de camponês*. NERA, Presidente Prudente, ano 11, nº. 12, pp. 57-67 Jan.-jun./2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre jovens. In: BORELLI, Sílvia; FREIRE FILHO, João (orgs). *Culturas Juvenis no século XXI*. São Paulo: EDUC, 2008.

OROZCO GOMÉZ, Guillermo. *Mídia, recepção e educação*. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 26, abril 2005.

ROCHA, Rose de Malo; SILVA, Josimey Costa. *Cultura Juvenil, violência e consumo: representações midiáticas e percepção de si*

xas, estão totalmente inseridas dentro das teias midiáticas, é preciso que delas faça parte a educação do campo e dos movimentos sociais. Para tanto, é necessário ter a gestão de canais de comunicação a fim de se contrapor aos oligopólios midiáticos cujo interesse é padronizar culturas.

em contextos extremos. In: BORELLI, Sílvia; FREIRE FILHO, João (orgs). *Culturas Juvenis no século XXI*. São Paulo: EDUC, 2008.

SOUZA, Luciana Maria de. Et al. Entre a nomeação e a instituição: reflexões a partir da juventude rural no sindicato. In: MAYORGA, Claudia.; CASTRO, Lucia Rabello de.; PRADO, Marco Aurélio Máximo. *Juventude e experiência da política no contemporâneo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012.

VELHO, G. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2008.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

RIBEIRO, Marlene. *Movimento camponês, trabalho e educação: liberdade, autonomia, emancipação: princípios/fias da formação humana*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SALES, Celecina de Maria Veras. *Criações coletivas da juventude no campo político: um olhar sobre os assentamentos rurais do MST*. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 2003. (Tese de Doutorado).

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

WANDERLEY, Maria de Nazareth. A ruralidade no Brasil moderno: por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In: GIARRACCA (org). *Una nueva ruralidad em America Latina*. Buenos Aires Clacso, 2001, p 31-44.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VIA CAMPESINA DO BRASIL. *O campesinato no século XXI: possibilidades e condicionantes do desenvolvimento do campesinato no Brasil*. Curitiba/Brasília, 2014. Disponível em <http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/OUTROS/O%20CAMPESINATO%20NO%20SEculo%20XXI.pdf>. Acesso em 27 mar 2019.

WOORTMANN, Ellen. *O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

